

## “EU QUERO IR PRA CASA”: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE NARRATIVAS SOBRE A VIDA EM INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO <sup>1</sup>

## “I WANT TO GO HOME”: A DISCURSIVE ANALYSIS OF NARRATIVES ABOUT LIFE IN RESIDENTIAL INSTITUTIONS

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p275-298

Layane Campos Soares<sup>2</sup>  
Maria Aparecida Resende Ottoni<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo, realizamos uma análise discursiva do documentário “Eu quero ir pra casa”, com o intuito de investigar como os jovens que participam dessa produção audiovisual se identificam e como são identificados nas diferentes narrativas e quais recursos lexicogramaticais realizam essas identificações. Para realizar a análise, pautamo-nos em estudos sobre o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; ROSE, 2003; WHITE, 2004; MARTIN; WHITE, 2005; ALMEIDA, 2010). Os resultados principais revelam que os jovens se identificam e são identificados por meio de escolhas lexicogramaticais tais como: perdido, revoltado, triste, isolado, maltratado, dentre outras, que denotam avaliações de Afeto e de Julgamento.

**Palavras-chave:** Sistema da avaliatividade; análise de discurso; adoção; narrativas.

**Abstract:** In this article, we carry out a discursive analysis of the documentary “I want to go home”, in order to investigate how the young people who participate in this audiovisual production identify themselves and how they are identified in the different narratives and which lexicogrammatical resources carry out these identifications. To carry out the analysis, we were guided by studies on the Appraisal Theory (MARTIN; ROSE, 2003; WHITE, 2004; MARTIN; WHITE, 2005; ALMEIDA, 2010). The main results reveal that young people identify and are identified through lexicogrammatical choices such as: lost, angry, sad, isolated, mistreated, among others, which denote evaluations of Affection and Judgment.

**Keywords:** Appraisal theory; discourse analysis; adoption; narratives.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG.

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG. E-mail: layanecsoares@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2920-3170>.

<sup>3</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília – UNB. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. É pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU), orientando na linha de pesquisa *Linguagem, sujeito e discurso*, e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFU), orientando na linha de pesquisa Estudos da Linguagem e Práticas sociais. E-mail: cidotoni@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3674-3407>.

## Introdução

A adoção pode ser considerada um mecanismo legal que possibilita às crianças e aos adolescentes, que foram destituídos de suas famílias de origem<sup>4</sup>, serem incluídos em novo lar (MONTEIRO; SILVA, 2010; LISBOA, 2013). Nas palavras de Espindola, Viana e Oliveira (2019, p. 35), a adoção “[...] pode ser a solução, ou apenas uma das alternativas, para um drama que marca a história de muitas crianças e adolescentes brasileiros: crescer em uma entidade de acolhimento institucional – [...] sem conviver com uma família”.

No caso de inúmeras crianças e adolescentes em situação de acolhimento, a adoção é, de fato, a única alternativa de pertencer a uma família, mas que nem sempre se concretiza. Isso fica nítido quando analisamos os dados disponibilizados no Diagnóstico Sobre o Sistema de Adoção e Acolhimento (BRASIL, 2020). Segundo esses dados, 2.991 jovens que estavam em situação de acolhimento institucional atingiram a maioria entre outubro de 2019 e maio de 2020. Ao compararmos esse número com o de crianças e de adolescentes adotados pelo Sistema Nacional de Adoção, percebemos que o quantitativo de adolescentes que completaram a maioria é equivalente a 30% em relação aos adotados (BRASIL, 2020).

Esses dados evidenciam o lado da não adoção no Brasil, mostrando-nos que nem sempre os direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes são garantidos. Esses direitos estão relacionados ao fato de que crianças e adolescentes devem se desenvolver inseridos em um contexto familiar, sendo o acolhimento institucional uma medida provisória. Entretanto, o que seria um lar provisório se torna permanente até essas crianças e adolescentes completarem dezoito anos de idade, momento em que eles se veem obrigados a sair das instituições, pois esse serviço é garantido somente aos menores de dezoito anos, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2002).

Apesar dessa difícil realidade, ainda é possível encontrarmos práticas que tentam dar visibilidade às crianças e aos adolescentes em situação de acolhimento. Uma dessas práticas se inscreve no contexto do projeto Paradigma, executado por um grupo de jovens, que tem por objetivo contribuir para minimizar problemas sociais, a partir da realização de trabalhos

---

<sup>4</sup> Segundo Schulze e Alves (2019, p. 2013), “[...] o Estado, por meio do Ministério Público, instaura ação de Destituição do Poder Familiar a fim de preservar a integridade física e psíquica da criança ou adolescente. A Destituição ou perda do Poder Familiar é o fim do exercício do Poder Familiar por decorrência do que está elencado no Código Civil, pelo artigo 1638 (Código Civil Brasileiro e legislação correlatada, 2008), em que se descreve: ‘perderá por ato judicial o poder familiar o pai ou a mãe que: i) castigar imoderadamente o filho; ii) deixar o filho em abandono; iii) praticar atos contrários à moral e aos bons costumes; iv) incidir, reiteradamente, nas faltas previstas no artigo antecedente’ (p. 352)”.

audiovisuais como, por exemplo, a produção do documentário *Eu quero ir pra casa*, que traz narrativas de diferentes atores sociais acerca da adoção no Brasil.

Considerando que questões sociais são, em parte, questões de discurso (CHOULIARAKI; FARCLOUGH, 1999), propomos empreender uma análise discursiva do documentário, com o intuito de investigar como os jovens que participam desse documentário se identificam e como são identificados nas diferentes narrativas que compõem a produção audiovisual. Compreendemos que, ao narrarem suas histórias de vida, esses jovens se posicionam sobre a adoção e sobre as razões que os levaram às instituições de acolhimento. Nesses posicionamentos são construídas diversas avaliações, que são materializadas por meio de diferentes recursos lexicogramaticais e, neste estudo, investigamos essas avaliações e os recursos lexicogramaticais por meio dos quais elas são realizadas.

Para o desenvolvimento deste trabalho, baseamo-nos em estudos sobre o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; ROSE, 2003; WHITE, 2004; MARTIN; WHITE, 2005; ALMEIDA, 2010), mais especificamente, no Subsistema de Atitude. A nossa escolha teórica se justifica em razão de esse sistema dispor de mecanismos que nos possibilitam compreender as funções sociais dos recursos linguísticos empregados pelos indivíduos, não se limitando somente às formas pelas quais eles expressam suas posições e seus sentimentos, “[...] mas como meios que permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente, e assim se filiem, ou se distanciem, das comunidades de interesse associadas ao contexto comunicacional em questão” (WHITE, 2004, p. 177).

Nesse sentido, entendemos que as avaliações que construímos linguisticamente marcam a forma como nos posicionamos diante de determinados problemas sociais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), corroborando com o estabelecimento de identificações discursivas que podem contribuir com a manutenção ou minimização/superação desses problemas.

Tendo em vista o nosso *corpus* e as nossas escolhas teóricas, este artigo está organizado em três seções. Na primeira, construímos uma discussão sobre o Sistema da Avaliatividade e o Subsistema da Atitude, a partir dos estudos de Martin e Rose (2003), White (2004), Martin e White (2005) e Almeida (2010). Na segunda, discorremos sobre o caminho trilhado para o desenvolvimento deste trabalho. Na última seção, apresentamos a análise realizada.

## **1 A Avaliatividade e o Subsistema de Atitude**

A linguagem nos possibilita compartilhar emoções, gostos e avaliações sobre pessoas e objetos em determinadas situações de interação sociodiscursiva (MARTIN; WHITE, 2005). Ao

olharmos para a linguagem em uso, é possível construirmos significados a respeito das escolhas lexicogramaticais empregadas pelos usuários nos mais diversos textos e contextos. É pensando nisso que Martin e White (2005, p. 34, tradução nossa<sup>5</sup>) desenvolveram o Sistema de Avaliatividade, que “[...] é um dos três principais recursos semânticos discursivos na construção do significado interpessoal<sup>6</sup> (ao lado do Envolvimento e da Negociação)”. Os autores se basearam nesse significado (metafunção) e criaram o Sistema de Avaliatividade, com o intuito de proporcionar subsídios para analisar o discurso no âmbito das avaliações, revelando os tipos de atitudes que são negociados, a força dos sentimentos envolvidos e as formas pelas quais os valores são apresentados e os leitores são alinhados (MARTIN; ROSE, 2003).

O Sistema de Avaliatividade é organizado em três subsistemas: Atitude, Engajamento e Gradação. O primeiro está relacionado aos recursos que usamos para expressar sentimentos e emoções, julgamentos de comportamento e avaliação sobre coisas. O segundo, por sua vez, refere-se às fontes de nossa avaliação, ao modo como articulamos essas vozes para a construção dessas avaliações e ao nosso envolvimento com essas vozes. O terceiro diz respeito aos recursos que utilizamos quando temos a intenção de aumentar ou diminuir o grau da nossa avaliação.

Levando em consideração a produtividade do *corpus* selecionado e o nosso objetivo de análise, centraremos este estudo no Subsistema de Atitude. Esse subsistema é categorizado em três regiões semânticas diferentes: Afeto (emoção), Julgamento (ética) e Apreciação (estética). De modo geral, o Afeto diz respeito às emoções e aos sentimentos; o Julgamento, às avaliações de comportamento sobre as pessoas; e a Apreciação, às avaliações das coisas e objetos (WHITE, 2004). Em virtude do foco deste estudo na identificação de jovens que participam do documentário, não trabalharemos com a Apreciação, pois esta região semântica está relacionada à avaliação de coisas e de objetos.

O Afeto é uma categoria de análise que se refere aos valores expressados por meio do uso de atributos, processos e circunstâncias. Ele é visto como um recurso semântico empregado linguisticamente no discurso para materializar e externalizar as emoções. Quando empreendemos uma investigação com base nessa categoria, é possível compreendermos o modo

---

<sup>5</sup> Tradução nossa de “[...] appraisal is one of three major discourse semantic resources construing interpersonal meaning (alongside involvement and negotiation)”.

<sup>6</sup> Martin e White (2005) se pautaram nos estudos de Halliday (1985) sobre a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) quando desenvolveram o Sistema da Avaliatividade. Nesses estudos, Halliday (1985) identifica três formas de significação (metafunção) que operam simultaneamente nos enunciados, a saber: textual (relaciona-se com a organização da mensagem), ideacional (centra-se na construção da experiência) e interpessoal (preocupa-se com as relações que estabelecemos com o outro). O Sistema da Avaliatividade se propõe a aprofundar a explicação sobre o significado interpessoal da LSF (MARTIN; WHITE, 2005).

como um falante/escritor se comporta emocionalmente em relação às pessoas, às coisas/objetos e aos acontecimentos (WHITE, 2004).

Segundo Martin e White (2005), o Afeto pode indicar que os participantes têm bons (Afeto positivo) e maus sentimentos (Afeto negativo), sendo identificado sob três aspectos: como qualidade, como processo e como comentário, conforme podemos notar no quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Formas de realização do Afeto em textos.

REALIZAÇÃO DO AFETO EM TEXTOS	Exemplificação:
<p style="text-align: center;">AFETO como qualidade</p> <p>⇒ Epíteto ou qualidade nominalizada (descrição do participante).            ⇒ Atributo em uma oração relacional (atribuição a participante).            ⇒ Atributo em uma oração relacional identificativa (atribuição a participante).            ⇒ Circunstância de maneira (maneira do processo).</p>	<p>⇒ Uma criança <u>alegre</u>.            ⇒ A criança estava <u>alegre</u>.            ⇒ Ela <u>é uma criança alegre</u>.            ⇒ A criança saiu <u>alegremente</u>.</p>
<p style="text-align: center;">AFETO como processo</p> <p>⇒ Mental afetivo            ⇒ Relacional possessivo            ⇒ Comportamental</p>	<p>⇒ Não me <u>conforme</u> com a separação.            ⇒ Ela <u>é a nossa</u> criança.            ⇒ A criança <u>sorriu</u>.</p>
<p style="text-align: center;">AFETO como um comentário</p> <p>⇒ Adjunto modal</p>	<p>⇒ <u>Infelizmente</u>, ela teve que sair.</p>

Fonte: Soares e Ottoni (2021, p. 281).

De acordo com White (2004), as emoções podem ser agrupadas em três conjuntos: in/felicidade, in/segurança e in/satisfação. Dessa forma, a variável in/felicidade refere-se às emoções ligadas aos assuntos do coração como, por exemplo, amor, ódio, felicidade e tristeza. A variável da in/segurança diz respeito às emoções ligadas ao bem-estar social, sendo expressas por sentimentos como ansiedade, medo e confiança, dentre outros. A variável in/satisfação, por outro lado, está relacionada às emoções ligadas aos objetivos realizados, sendo materializadas por sentimentos como respeito, curiosidade, tédio, desprezo, dentre outras (WHITE, 2004).

A categoria Julgamento, por sua vez, está relacionada ao

[...] campo de significados por meio dos quais construímos nossas posições em relação ao comportamento humano - aprovação/condenação desse comportamento através de referência à aceitabilidade e às normas sociais, avaliações de caráter de alguém, ou do quanto essa pessoa se aproxima das expectativas e exigências sociais (WHITE, 2004, p. 187).

Essa categoria pode ser dividida em dois grupos de significados: Julgamentos de estima social e de sanção social. Os Julgamentos de estima social envolvem avaliações que podem ocasionar a elevação ou o rebaixamento do indivíduo em uma determinada comunidade, a partir de regras morais, sem implicações legais. Segundo White (2004, p. 187), a estima social compreende Julgamentos de normalidade, que estão relacionados a habitualidade/normalidade - “o indivíduo é alguém especial ou não?”; de capacidade, que estão ligados à habilidade - “o

indivíduo é alguém capaz/competente?” e de tenacidade, que diz respeito à inclinação e à persistência - “o indivíduo é alguém confiável?”.

Por outro lado, os Julgamentos de sanção social estão relacionados às avaliações que implicam em elogios e/ou condenações, sendo codificados na forma escrita por meio de regras, leis, regulações, dentre outros. Eles incluem Julgamentos de veracidade, ligados à probabilidade - “o indivíduo é alguém honesto?” e de propriedade, relacionados à obrigação - “o indivíduo é alguém ético?”. Esse tipo de Julgamento está baseado em modos de se comportar socialmente, segundo as regras do Estado e da Igreja, devendo sofrer penalidades legais aquele que quebrar o código, a lei (ALMEIDA, 2010).

A construção desses Julgamentos, seja ele de estima social ou de sanção social, está intimamente ligada ao posicionamento institucional de quem avalia, tendo em vista que é “[...] quem avalia que possui o respaldo, dependendo do lugar que ocupa, para julgar as outras pessoas positivamente ou negativamente” (ALMEIDA, 2010, p. 106). Esses julgamentos se realizam linguisticamente por meio de atributos e de epítetos (ALMEIDA, 2010).

Após essa discussão, abordaremos na próxima seção o documentário escolhido para a realização da análise.

## 2 O percurso metodológico

Escolhemos como *corpus* de análise da produção audiovisual *Eu quero ir pra casa*<sup>7</sup>, produzido pelo grupo Paradigma Produções. Esse documentário tem por finalidade lançar luz a uma questão bastante delicada no Brasil, que diz respeito a não adoção no Brasil, ou seja, ele traz narrativas de vida de jovens que moraram em instituições de acolhimento por anos, mas não conseguiram ser adotados. Ao completarem dezoito anos, esses jovens tiveram que sair dessas instituições, perdendo, de certa forma, a referência mais próxima que tinham de um lar.

O documentário tem 34 minutos de duração e está disponível no YouTube, podendo ser acessado por meio do link: (<https://www.youtube.com/watch?v=eByn-wqNOVA>). Ele contou com a participação de quatorze atores sociais ao todo, sendo eles: seis jovens que passaram a infância e a adolescência em instituição de acolhimento; uma psicóloga da Vara da Infância e da Juventude; uma juíza do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo; uma diretora do Serviço

---

<sup>7</sup> Tivemos acesso a esse documentário quando da coleta e da geração de dados para uma pesquisa maior, em desenvolvimento, intitulada “O funcionamento discursivo da prática social de adoção: a voz de famílias por adoção e de profissionais da rede de apoio e de proteção”.

de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes; uma coordenadora e instrutora do projeto Grupo Nós; um diretor da Associação São Lourenço; uma técnica em pedagogia e o marido de uma participante. Desse modo, o documentário trouxe narrativas de vida diferentes atores sociais para problematizar o contexto da adoção e do acolhimento no Brasil.

Entendemos que as narrativas de histórias de vida “[...] são descrições de eventos onde são apreendidos os significados das ações dos participantes, suas crenças, valores e experiências vividas e como elas se desenvolvem” (PAPA, 2009, p. 147), buscamos realizar uma análise utilizando subsídios que nos permitissem compreender os valores e as crenças expressos pelos participantes, a partir de suas experiências no âmbito da adoção e do acolhimento. Essas experiências não podem ser reduzidas somente a ideia de fatos, pois elas dizem respeito às histórias de vida desses jovens, de modo a contemplar suas emoções, memórias e valores (PAPA, 2009). Segundo Papa (2009, p. 147), “[...] quando falamos sobre nós mesmos, estamos nos referindo a nossa identidade, sentimentos, imagens, e os relatos revelam o modo como experienciamos o mundo”.

Para realizarmos a análise, fizemos primeiramente a transcrição do documentário, a partir das convenções elaboradas pelo Grupo de Pesquisa sobre Texto e Discurso, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Na sequência, procuramos mapear os mecanismos de avaliação a partir dos recursos lexicogramaticais empregados pelos atores sociais em suas narrativas. Ao longo do documentário, notamos que, além das avaliações construídas sobre crianças e adolescentes em situação de acolhimento e de adoção, havia também avaliações sobre a adoção, o sistema de acolhimento, o projeto apadrinhamento, os pais e as mães dos jovens participantes da produção audiovisual. Em virtude do nosso objetivo, fizemos um recorte do *corpus*, o que nos permitiu focalizar somente as narrativas que materializavam linguisticamente identificações dos jovens que participaram da produção audiovisual.

Na próxima seção, apresentaremos a análise realizada sobre o documentário.

### **3 Identificações discursivas de jovens que viveram em instituição de acolhimento**

Com base no mapeamento realizado, percebemos que grande parte das avaliações são construídas por meio de orações relacionais atributivas, que materializam, principalmente, Afeto e Julgamento, como ilustram as seguintes sequências discursivas: “eu era pequeno [...] aí

eu ficava naquela angústia (Informante 5); “estamos sozinhos... quem é que vai te apoiar?” (Informante 1); “nossa situação era precária” (Informante 2).

Nas suas narrativas de vida, os jovens constroem identificações de si a partir das relações que estabeleceram antes de passarem a viver em um abrigo, durante a vivência no abrigo e após a sua saída.

No tocante ao que experienciaram antes de viverem no abrigo, há jovens se identificam como quem tem pai e mãe, mas estava em situação de risco, teve a família destruída, devido às drogas; como filhos de mãe/pai dependente química/o, alcólatra, sem estrutura financeira e psicológica para cuidar de uma criança; e como quem enfrentou inúmeras dificuldades, conforme revelam estas sequências discursivas 1, 2, 3 e 4:

**Sequência discursiva 1:** a gente tem pai e tem mãe. a gente tá lá não é atoa. é porque a gente tava em situação de risco (Informante 2).

**Sequência discursiva 2:** a minha mãe e meu pai eles eram um casal que se davam super bem... só que aí entrou a maldita droga na minha família né?! chegam traficantes dentro da minha casa... colocava droga em cima da mesa... fazia divisão de droga. já presenciei meu pai jogando água gelada na cara de uma viciada porque era seis horas manhã e a mulher tava pedindo droga na minha casa. então assim... fui crescendo com... fui crescendo vendo isso como uma coisa normal (Informante 3).

**Sequência discursiva 3:** a minha mãe era uma pessoa que era dependente química e também era alcólatra... então ela não tinha nem estrutura financeira e nem psicológica pra cuidar de uma criança (Informante 1).

**Sequência discursiva 4:** o meu pai ele tinha saído da minha casa...[...] isso foi uma coisa que me marcou muito... quando eu acordei de manhã cedo o meu pai não estava mais lá em casa... a partir dessa data ele nunca mais voltou e depois disso passou um tempo minha mãe foi presa por causa de droga porque ela batia carteira né... e quando ela saiu da cadeia ela saiu bem magra... [...] passou um tempo na cama e ela foi internada... aí eu fui saber depois de um tempo... de uns anos que ela tinha morrido de HIV. a partir dessa época comecei a estudar... minha irmã matriculou a gente... ela dava o melhor dela né... ela tinha dezesseis anos... não era uma pessoa instruída pra cuidar de cinco crianças... porque aí as dificuldades foram aumentando. depois ela foi mandada embora e quando ela foi mandada embora aí tudo piorou. [...] a gente passava muita dificuldade... a gente não se alimentava bem... a gente quase não tinha roupa pra vestir e a nossa situação era precária (Informante 3).

Também se identificam como vítimas de abandono dos pais, o que os desestabilizou emocionalmente e os levou ao crime e ao uso de drogas, como ilustra a sequência discursiva 5:

**Sequência discursiva 5:** minha mãe me abandonou na casa da minha avó... ela deixou uma mala grande no quintal de casa... e... foi embora. ela tinha falado para minha avó que ia comprar pão... aí quando a minha avó saiu de casa ela viu aquela mala enorme e um bilhete né... dizendo que ela não ia voltar mais... aí quando eu vi a minha avó lendo aquela carta... eu simplesmente pulei o muro e comecei a fugir. depois disso comecei a fugir de todos os lugares... eu conheci algumas pessoas quando eu fugia de casa... essas pessoas eram de rua... eu já fiz arrastão com alguns deles... a gente pegava sacolas... uns se virava e outros colocava... muitos deles eram de abrigos... outros já moravam na rua... a gente entrava no ritmo e fazia o que eles falavam... usa isso... fuma isso... corre disso... corre daquilo (Informante 2).



No que diz respeito às identificações que eles constroem a partir das relações que estabeleceram durante a vivência no abrigo, há, por um lado, jovens que se identificam como carentes de amigos e de família, como quem sofreu angústia, isolou-se e teve depressão:

**Sequência discursiva 6:** porque eu entrei com oito... até uns quatorze... quinze anos ela só ia me vê tipo uma vez por ano. eu era pequeno e ela sempre falava que ia me ver... aí eu ficava naquela angústia né... porque tipo sábado era dia de visita... aí ia a mãe de tudo mundo só não ia a minha. nessa idade com oito... nove anos eu comecei a ter depressão... só que tipo foi uma depressão muito forte. nem convivi direito com as pessoas... eu ficava isolado num canto e não queria mais saber de ninguém... não conseguia falar direito com as pessoas. porque... pelo menos eu penso... que a parte que você mais precisa dos seus pais é né na infância e tipo eu tava sem o pai e sem a mãe. [...] o mais difícil eu acho foi o início da depressão porque era o momento que tipo pra mim eu não tinha amigos... não tinha família... não tinha nada. a minha mãe me deixou ali porque o meu pai não tava comigo (Informante 5).

**Sequência discursiva 7:** tem gente que olha assim e pensa que eles batem lá dentro... que eles maltrata... só que não tem nada disso. no começo eu brigava com todo mundo... não queria que ninguém falasse comigo... ficava distante... só ficava com meus irmãos... ficava isolada. aí depois que eu vim fazendo amizade... depois de uns três meses que eu fui me acostumando (Informante 4).

E, por outro lado, eles se identificam como quem teve no abrigo um cuidado que não teria fora dele; como quem construiu lá memórias novas e encontrou no abrigo o melhor lugar para morar:

**Sequência discursiva 8:** minha família num... num teria cuidado. pelo jeito que tava não... por isso que foi bom a gente ter entrado pro abrigo. [...] eu acho que eu taria na balada bebendo e fumando drogas... porque antes de entrar pro abrigo eu já entendia dessas coisas. eu falei se eu não entrar... eu vou ficar pior de que minha irmã ou do jeito dos meus tios... por isso que eu falei com cê que foi bom a gente ter entrado (Informante 4).

**Sequência discursiva 9:** eu acabei criando memórias novas no abrigo e aquelas eram as minhas memórias (Informante 1).

**Sequência discursiva 10:** eu cheguei lá com nove e quando eu completei quatorze aí... eu já tinha entendido que ali foi o melhor lugar para eu morar. [...] se eu nunca tivesse ido pra lá pra aquele orfanato a minha vida seria totalmente conturbada. noventa por cento das crianças que... que a gente tinha contato na rua da minha casa a maioria delas morreram. então provavelmente eu iria seguir esse mesmo rumo (Informante 3).

**Sequência discursiva 11:** hoje eu acho que foi melhor morar no abrigo (Informante 5).

**Sequência discursiva 12:** eu acho que não estaria mais vivo porque muita coisa acontece. acho que eu poderia ter virado um ladrão... tomado um tiro... seguido outro rumo (Informante 2).

Nas suas narrativas de vida, os jovens constroem identificações de si a partir do que experienciaram próximo à saída do abrigo e após a sua saída. Tais identificações enfatizam as dificuldades enfrentadas fora do abrigo e mostram jovens perdidos, revoltados, carentes, despreparados e com receio de revelar que “são de abrigo”.

**Sequência discursiva 13:** o momento que eu passei mais difícil... eu acho que foi ter saído do abrigo. isso foi o mais. [...] pra sair é que é difícil... porque você deixa várias coisas pra trás... é recomeço novamente (Informante 4).

**Sequência discursiva 14:** essa fase ... cê tá entrando numa fase que você percebe que você tá prestes pra sair do abrigo... acho que você fica um pouco perdido e ao mesmo tempo revoltado com a vida porque você para e pensa: meu eu não tenho nada... sabe?! eu não tenho uma casa... eu não tenho alguém que fique comigo ali sempre... eu não tenho um porto seguro... e os meus amigos que é meus amigos, às vezes, não sabem que você é de abrigo justamente pelo fato de você não querer falar pra isso não afetar a nossa amizade... porque afeta. aí você pergunta: cadê meus amigos? cadê tudo? [...] o sentimento dessa última fase foi... eu acho que... acho que foi de carência sabe?! carência de tudo. porque muita gente tentando ajudar e agora sei que estavam tentando ajudar é... falava... não... vai dá tudo certo... você vai ficar bem... não é fácil porque você vai só procurar uma casa... só procurar um emprego... só... só nada. é difícil. [...] não tem uma preparação para você sair sabe e isso eu sinto falta. não tem uma preparação pra você sair. eles te preparam pro mundo ... mais é muito fechado. é tudo muito ali sabe?! e:: você não sai preparado que... é muito o mundinho do abrigo e o mundo lá fora sabe?! inclusive essa frase de um mundo lá fora repete muito e eu acho que não tinha que ter por que o mundo é um só. [...] estamos sozinhos... quem é que vai te apoiar? quem é que vai poder tá ali e vai poder te ajudar? que vai poder falar meu você vai conseguir... que vai poder te incentivar sabe?!

**Sequência discursiva 15:** eu fiquei lá dez anos e no último ano eu... foi complicado né?! porque no último ano mano cê sabe que tipo todas as pessoas que estão lá dentro você... eu não sabia muito bem onde eu ia morar... por que como que vai ser agora lá fora? porque você sabe que não vai ter mais aquela assistência das educadoras... das técnicas... não vai ter ninguém falando tipo... [...] você vai ter que acordar... [...] você tem que ir pra escola... você tem que ir trabalhar... Agora é você e você mano.

Em decorrência de todas essas dificuldades, muitos jovens, após a saída do abrigo, acabam vinculados às drogas e ao crime. Eles são assim identificados pelos jovens participantes do documentário:

**Sequência discursiva 16:** teve uma menina que ela saiu... dois meses que ela saiu do abrigo ela já ficou grávida. teve um moleque que ele saiu e virou o dono de uma boca (Informante 5).

**Sequência discursiva 17:** tem uns que eu tenho contato ainda... que a vida deles acabaram totalmente bagunçada assim... por causa de droga... bebida alcoólica... teve um mesmo que morreu. [...] infelizmente morreu por causa de droga... então assim... de morte só teve uma... mas a vida torta teve vários (Informante 3).

**Sequência discursiva 18:** o caminho mais fácil pra gente... infelizmente... é o do crime ou o das drogas... por quê? como você tá sozinho é difícil de você ir atrás de uma entrevista... de você ter oportunidades de fazer uma entrevista é muito complicado é tudo mais difícil assim... [...] esse outro caminho o negativo é muito mais fácil porque as pessoas vão atrás de você... cê não precisa ir atrás dela (Informante 1).

**Sequência discursiva 19:** se você fizer uma pesquisa a maioria dos jovens que estão nas penitenciárias... uma grande parte já passou pelos abrigos... então parece que uma trajetória mais fácil... não é fácil ser bandido... é duro... mais fácil pra gente entender por que é que ele foi pra esse mundo da criminalidade (Informante 8).

Ainda no que concerne ao contexto pós saída do abrigo, há identificações dos jovens vinculadas à esfera do trabalho, da educação e da família pautadas em avaliações positivas:

**Sequência discursiva 20:** atualmente eu estou estudando na escola Pan-americana... tô fazendo fotografia e também tô estudando no Wolf Maya que é teatro e tv. gosto muito de tv e teatro dessa área toda de artes... adoro fotografia quero trabalhar também com fotografia voltada pra moda... quero poder muito: ajudar minha família biológica... ajudar mais e formar a minha própria família (Informante 1).

**Sequência discursiva 21:** minha vida tá se estabilizando agora... tô trabalhando... tô com a minha casa e... de pouquinho e pouquinho a gente tá comprando as coisas certinho... aí eu divido aluguel com meu amigo e a gente mora na rua Independência né! bem irônico isso né? (Informante 2).

**Sequência discursiva 22:** é bom tipo quando você vê a construção que tipo você tá tendo... você tá vendo que o seu esforço não é atoa e atualmente eu tô trabalhando como office-boy (Informante 5).

**Sequência discursiva 23:** eu trabalho na Vila Maria no CRAS e atualmente eu tô casada... grávida já de seis meses e vai ser um menino. eu acho que foi quando a gente ia completar um ano de casados. [...] foi meu presente de aniversário e nosso presente de casamento. o momento mais feliz da minha vida até agora foi ter casado e agora na verdade é Natanael só que a gente chama ele de Natan é o nosso bebezinho que tá vindo (Informante 4).

**Sequência discursiva 24:** hoje eu trabalho na área de segurança né?! hoje minha profissão é vigilante patrimonial. faço faculdade de teologia né?! e pretendo fazer uma pós-graduação em capilania pra poder prestar o concurso pro exército pra ser capilão dentro do exército. pretendo também fazer uma faculdade de gastronomia com pós-graduação em confeitaria e abrir uma confeitaria pra mim. e assim... é... pensando sempre no crescimento né. [...] uma que eu passei muito longe da minha família eu acho que família não tem preço né?! você passar longe da sua família. hoje eu sou um pai totalmente cem por cento família. [...] hoje eu acho que tô bem formado assim... com a mente bem certo naquilo que eu quero pro meu futuro. plantei essa raiz e agora eu quero crescer. minhas duas filhas... minhas três filhas na verdade... minhas várias felicidades hoje. a partir do momento em que elas nasceram assim... eu vim a saber realmente o que é felicidade... que não tem sentimento maior que isso (Informante 3).

Com base nas sequências discursivas apresentadas, observamos que os recursos lexicogramaticais empregados pelos participantes contribuem para a identificação de inúmeras crianças e adolescentes que estão em situação de vulnerabilidade social, não se restringindo somente ao grupo de jovens que são o foco da produção audiovisual. Com base nessas escolhas, percebermos que o abandono, os maus-tratos, os abusos, as condições de vida precárias, dentre outros, são situações que colocam a vida da criança e do adolescente em risco, fazendo com que o acolhimento institucional e/ou a adoção seja uma medida de proteção. Essas situações têm diferentes desdobramentos na vida desses meninos e meninas, que passam a se identificar, sobretudo, por meio de afetos negativos, uma vez que o acolhimento institucional marca o rompimento de vínculos afetivos com a família biológica, fazendo com que eles se identifiquem a partir de sentimentos e emoções. Em relação às avaliações de Julgamento, entendemos que elas ocorreram em razão de grande parte desses jovens terem os seus direitos violados, contribuindo com a construção de identificações sobre o comportamento humano.

De acordo com a análise, conseguimos mapear os seguintes tipos de avaliações, conforme podemos visualizar no quadro 2, a seguir.

QUADRO 2 – Avaliações materializadas nas narrativas.

AVALIAÇÕES MATERIALIZADAS NAS NARRATIVAS	
TIPO DE AVALIAÇÃO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
Afeto de infelicidade	26
Afeto de segurança	3
Afeto de insegurança	10
Afeto de satisfação	4
Afeto de insatisfação	1
Julgamento de sanção social de propriedade	10
Julgamento de estima social de capacidade	8
Julgamento de estima social de normalidade	2
<b>TOTAL DE AVALIAÇÃO</b>	<b>64</b>

Fonte: Autoria própria.

Segundo os dados do quadro 2, notamos que a quantidade de avaliações de Afeto foi superior em relação às avaliações de Julgamento. Ao todo, encontramos 44 avaliações de Afeto e, em contrapartida, visualizamos 20 avaliações de Julgamento. Um dado que nos chama atenção é o fato de que, das 44 avaliações de Afeto, apenas 7 avaliações foram positivas, conforme exemplificam as seguintes sequências discursivas: “o momento mais feliz da minha vida até agora foi ter casado e agora na verdade é Natanael só que a gente chama ele de Natan é o nosso bebezinho que tá vindo” (Informante 4); “a partir do momento em que elas nasceram assim... eu vim a saber realmente o que é felicidade. que não tem sentimento maior que isso” (Informante 3); “eu acho que os momentos mais felizes da minha vida foi quando eu pisei no palco e pude dançar” (Informante 1). Assim, tivemos 37 avaliações negativas, sendo a maior parte materializadas por Afeto de infelicidade, como ilustram as seguintes sequências discursivas: “teve uma vez que eu fui lá e minha mãe não tinha ido e aperta sabe? porque a gente sente que a gente sente falta” (Informante 4); “nessa idade com oito... nove anos eu comecei a ter depressão... só que tipo foi uma depressão muito forte” (Informante 5).

O fato de a maior parte das avaliações ter sido de Afeto de infelicidade pode denotar um modo de se identificar a partir de emoções que estão ligadas aos assuntos do coração, tendo em vista que grande parte desses jovens experienciaram situações de violência, de abandono, culminando em sentimentos como o de tristeza, raiva, dor, dentre outros. Além disso, eles também se identificaram a partir de Afeto de insegurança, que está relacionado às emoções que estão ligadas ao bem-estar social, sendo expressas por sentimentos como o de ansiedade e medo, por exemplo, conforme ilustram as sequências discursivas: “eu não tenho um porto seguro” (Informante 1); “o mais difícil eu acho foi o início da depressão porque era o momento que tipo pra mim eu não tinha amigos... não tinha família... não tinha nada” (Informante 5). Entendemos

que esses sentimentos estão muito presentes na vida de quem viveu por anos em instituições de acolhimento, sendo privado de se desenvolver em um contexto familiar.

Quanto às avaliações de Julgamento, houve um equilíbrio entre as de sanção social, mais especificamente, a de propriedade, que está relacionada à obrigação - “o indivíduo é alguém ético?”, e as de estima social, mais especificamente, as de capacidade e de normalidade, que estão relacionadas respectivamente à habilidade - “o indivíduo é alguém capaz/competente?” e à habitualidade/normalidade - “o indivíduo é alguém especial ou não?”. No caso específico desses jovens, notamos que as identificações apontam para a violação dos direitos da criança e do adolescente e que, em decorrência dessa violação, esses jovens passaram a morar em instituições de acolhimento, sendo julgados a partir do comportamento de seus responsáveis.

A fim de exemplificar toda essa discussão, selecionamos oito sequências discursivas para realizarmos uma análise mais aprofundada das narrativas, na qual articulamos a análise linguística, a partir do uso categorias textualmente orientadas, com a análise social. Assim, foi possível compreender a forma como os participantes do documentário se identificam e são identificados e como essas identificações os posicionam frente ao problema social da não adoção no Brasil.

A primeira sequência discursiva analisada se refere a identificações construídas pelo Informante 1<sup>8</sup> do documentário. Esse informante narra os sentimentos acerca do processo de saída da instituição de acolhimento, mostrando, de certa forma, o lado da não adoção, conforme podemos perceber na sequência discursiva 25:

**Sequência discursiva 25:** essa fase ... cê tá entrando numa fase que você percebe que você tá prestes pra sair do abrigo... acho que você fica um pouco **perdido** e ao mesmo tempo **revoltado** com a vida porque você para e pensa: meu eu não tenho nada... sabe?! eu não **tenho uma casa...** eu não **tenho alguém que fique comigo** ali sempre... eu não **tenho um porto seguro...** e os meus amigos que é meus amigos às vezes não sabem que você é de **abrigo** justamente pelo fato de você não querer falar pra isso não **afetar** a nossa amizade... porque **afeta...** aí você pergunta: cadê meus amigos? Cadê tudo? (INFOMANTE 1, grifos nossos).

Com base nessa sequência, percebemos que ele se identifica inicialmente como alguém que sentia perdido e revoltado ao mesmo tempo, a partir de uma avaliação de Afeto de insegurança que se realiza como qualidade ao participante, sendo materializada pelo emprego de processo relacional atributivo, em que temos o processo “ficar” juntamente com o atributo

---

<sup>8</sup> Por uma questão de ética, optamos por identificar os atores sociais utilizando o termo informante.

“perdido”. Na sequência, temos uma avaliação de Afeto de insatisfação, marcada pelo uso do processo “ficar” mais o atributo “revoltado”, que também ser realiza como qualidade. Acreditamos que a construção dessas identificações está relacionada ao fato de esse jovem ter passado por um período significativo da sua vida em instituição de acolhimento, situação que ocasionou rupturas e perda de vínculos afetivos, culminando em sentimentos marcados pela insegurança e insatisfação.

Em um segundo momento, esse mesmo jovem se identifica novamente a partir de avaliações de Afeto de insegurança, sendo realizadas como qualidade, a partir do emprego de uma circunstância de negação “não”, mais um processo relacional possessivo “tenho” conjuntamente com o atributo “porto seguro” e as expressões “alguém que fique comigo” “uma casa”. Desse modo, ele se identifica como uma pessoa que se sente inseguro em virtude de não ter o apoio de uma família, ou seja, de não ter alguém que possa ampará-lo em qualquer situação, dando suporte emocional e material. Segundo Silva (2009, p. 59), a expectativa básica de uma criança que está em situação de acolhimento “[...] é ter uma casa, uma família e à medida que a criança vai se desenvolvendo dentro de uma instituição, adquire consciência de sua real situação de abandono. Seus anseios em relação a sua condição vão tomando formas diversificadas em função de suas experiências, angústias e fantasias”. É em decorrência dessa situação, que esse jovem, após sair da instituição de acolhimento, passou a se sentir completamente desamparado, uma vez que o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2002) entende que somente os menores de dezoito anos necessitam de proteção.

Em um terceiro momento, o Informante 1 também se identifica como uma pessoa de abrigo, por meio do emprego de um atributo em uma oração relacional identificativa, que se realiza por meio de uma qualidade atribuída ao participante, materializada pelo uso do processo “é” mais o atributo “de abrigo”. Essa avaliação denota um Afeto de insegurança, tendo em vista o receio que o jovem tem em assumir essa identidade para as pessoas mais próximas. Na sequência, temos outra avaliação de Afeto de insegurança, que se realizada como processo, sendo marcada pelo uso de um processo mental afetivo “afetar” seguido da expressão “nossa amizade”. Compreendemos que o Informante 1 se avalia a partir de escolhas lexicogramaticais que materializam Afeto de insegurança, em razão de ele ter medo ou de não se sentir confortável a ponto de revelar sua identidade. Segundo esse jovem, os seus amigos não têm conhecimento de que ele é uma pessoa que viveu em instituição de acolhimento, pois isso poderia afetar a relação de amizade construída por eles. Esse receio se dá, sobretudo, em virtude de as pessoas

acharem que orfanato e Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor (FEBEM) são uma mesma instituição, quando na verdade são instituições com finalidades diferentes<sup>9</sup>.

As identificações construídas pelo Informante 1 apontam para sentimentos que são compartilhados por boa parte das crianças e adolescentes que foram privados de se desenvolverem em um âmbito familiar, tendo como referência uma figura materna/paterna, que seria o provedor do sentimento de segurança. Em função da falta dessa figura na vida desses jovens, é comum que eles tenham dificuldades no sentido de construir sentimentos como o de confiança e de segurança “[...] em relação a si mesmo e, principalmente, em relação àqueles que o rodeiam” (SILVA, 2009, p. 58).

Ainda em relação ao Informante 1, ao mesmo tempo em que ele se identifica a partir de emoções ligadas ao campo da insegurança e insatisfação, ele demonstra uma grande capacidade de superação, ao conseguir reelaborar suas vivências traumáticas, a partir da construção de um vínculo de confiança, fato que lhe permitiu ressignificar sua própria história, conforme podemos notar na sequência discursiva 26:

**Sequência discursiva 26:** eu acabei criando **memórias novas no abrigo** e aquelas **eram as minhas memórias** (INFORMANTE 1, grifos nossos).

Percebemos nessa sequência, um Julgamento de estima social de capacidade, por meio de uma oração que envolve um processo material criativo<sup>10</sup> “criando” e da expressão “memórias novas no abrigo”, fato que nos permite identificá-lo como alguém que conseguiu superar seus traumas. Além disso, na sequência, ele se identifica com essas memórias que foram criadas, a partir do emprego de um processo relacional possessivo “eram as minhas” mais o epíteto “memórias”, materializando um afeto de satisfação.

O informante 2, por sua vez, identifica-se a partir de Julgamentos de estima social de normalidade, materializados pelo emprego de um processo relacional possessivo “tenho” mais

---

<sup>9</sup> Sobre essa questão, vale mencionarmos a sequência discursiva proferida pelo Informante 3, que diz o seguinte: “[...] têm pessoas que acham que orfanato é FEBEM... orfanato não é FEBEM... FEBEM é um lugar onde as pessoas estão em recuperação só que elas cometeram um crime pra tá ali... o orfanato não... o orfanato é o local onde eles pegam crianças que às vezes moram embaixo da ponte com o pai e com a mãe... são crianças que às vezes são maltratadas... são crianças que às vezes são abandonadas”. Dessa forma, a FEBEM surgiu no Brasil, a princípio, para abrigar a infância desamparada e com desvios de conduta, porém com o passar do tempo, as crianças e os adolescentes em situação de vulnerabilidade social também passaram morar nessas instituições, convivendo com os menores infratores. Com isso, criou-se preconceitos em torno das crianças e dos adolescentes acolhidos em instituições, sendo estigmatizados historicamente, fato que se mantém até os dias atuais (BERNARDI, PONIWAS, 2012).

<sup>10</sup> De modo geral, os processos materiais criativos não materializam avaliações de Julgamento, mas no caso específico da sequência discursiva analisada, acreditamos que o significado construído diz respeito ao Julgamento de capacidade.

os atributos “pai e mãe”. Essa identificação se dá em virtude de ele ser identificado pelo outro como alguém que “não tem pai e nem mãe”. Percebemos que a construção da identificação desse jovem acontece na relação de diferença com o outro e, vice-versa, pois quando afirmamos que “ele está em situação de acolhimento”, por exemplo, essa identificação está diretamente associada a uma cadeia de negações, que pressupõe expressões negativas de identidade na diferença (SILVA, 2000). Isso pode ser observado na sequência discursiva 27:

**Sequência discursiva 27:** ninguém é melhor que ninguém... preconceito sempre vai ter... há uma coisa que a gente sempre ouvia é... nossa... você morou no orfanato... ele não **tem pai nem mãe**... a gente ouviu isso o tempo todo... entendeu? a gente **tem pai e tem mãe**... a gente tá lá não é atoa... é porque a gente tava em **situação de risco** (INFORMANTE 2, grifos nossos).

Quando nós nos identificamos como alguém que “tem pai e mãe”, instantaneamente apontamos para aquele que, consideramos, não “ter pai e nem mãe”. Desse modo, as afirmações acerca das identidades somente podem ser significadas na sua relação com as afirmações sobre as diferenças, a partir de uma relação de dependência mútua, na qual a identidade depende da diferença e vice-versa (SILVA, 2000).

A partir dessa relação entre a identidade e a diferença, podemos indagar: “quão especial/normal são esses jovens que moraram em instituições de acolhimento?”, “é possível que eles não tenham pai e mãe?”. Essa possibilidade existe, porém, notamos que essa questão está mais relacionada às crenças que construímos socialmente acerca do que seja um “orfato/abrigo/instituição de acolhimento” e de quem passa a morar nesses lugares. Isso porque a orfandade aparece como o décimo primeiro motivo que culmina no acolhimento institucional, segundo os dados obtidos em uma pesquisa realizada no ano de 2009, na cidade de Belo Horizonte-MG. Essa pesquisa revelou que as principais razões que acarretam o processo de acolhimento de crianças e adolescentes, são: negligência, abandono, maus-tratos, alcoolismos dos pais ou responsáveis, dentre outros (FERREIRA, 2014<sup>11</sup>).

Os dados apresentados por essa pesquisa convergem com o modo pelo qual o Informante 2 se identifica, posteriormente. Essa identificação é baseada em um Julgamento de sanção social de propriedade, marcado pelo emprego de um processo relacional “tava” conjuntamente com a expressão “em situação de risco”. Ao se identificar como alguém que “estava em situação de risco”, esse jovem atribuiu uma identidade para si, baseando-se em

---

<sup>11</sup> Esses dados refletem as narrativas de vida dos participantes da produção audiovisual, conforme mostram as sequências discursivas 1, 2, 3 e 4 (cf. p. 7 e 8).



normas sociais, que são passíveis de punição em termos de lei. Assim, ele teve os seus direitos violados por parte de seus pais ou responsáveis e, em decorrência disso, foi acolhido em uma instituição.

Em um outro momento, esse mesmo informante se identifica novamente por meio da sua relação com o outro. Essa identificação é marcada a partir uso do epíteto “abandonou” juntamente com o pronome “me”, qualificando-o como uma pessoa que foi abandonada pela mãe, conforme podemos observar na sequência discursiva 28:

**Sequência discursiva 28:** minha mãe me **abandonou** na casa da minha avó... ela deixou uma mala grande no quintal de casa... e... foi embora (INFORMANTE 2, grifos nossos).

Percebemos que essa identificação é materializada por um Julgamento de sanção social de propriedade, tendo em vista que o ato de abandonar um menor que está sob o seu cuidado, autoridade, guarda ou vigilância é visto como um crime, que está previsto no artigo 133 do Código Penal brasileiro (BRASIL, 1940). Segundo o ECA (BRASIL, 2002), o abandono é praticado pelos pais ou responsáveis que deixam de sustentar, cuidar e educar os seus filhos menores de dezoito anos, sem justa causa. Desse modo, o Informante 2 se identifica na relação que estabeleceu com a sua mãe, relação essa construída a partir de experiências marcadas pela violação de direitos.

Diante das narrativas apresentadas no documentário, notamos que outros informantes também se identificaram por meio de relações que construíram com o outro, mostrando, de certa forma, que o acolhimento de crianças e de adolescentes está atrelado a questões de ordem social, como carência socioeconômica e uso/tráfico de drogas por parte do(s) responsável(is), conforme afirma Ferreira (2014). Essa realidade se aplica à história do Informante 3, que após a mãe ser presa por tráfico de drogas, ele e os irmãos passaram a viver em situação de vulnerabilidade social, conforme podemos na sequência discursiva 29:

**Sequência discursiva 29:** assim... a gente passava muita **dificuldade**... a gente não se **alimentava bem**... a gente quase não tinha roupa pra vestir e a nossa situação era **precária** (INFORMANTE 3, grifos nossos).

Percebemos que nessa sequência, o Informante 3 se identifica como alguém que teve uma vida difícil, marcada pela carência de uma alimentação digna e pela falta de objetos materiais. Nesse sentido, a identidade que ele constrói para si materializa-se por meio do emprego de uma oração relacional atributiva, em que temos o processo “era” conjuntamente com o atributo “precária”, o que denota um Julgamento de sanção social de propriedade, tendo

em vista que essa situação precária culminou no processo de destituição do poder familiar. De acordo com o ECA (BRASIL, 2002), em seu artigo 4º, é obrigação da família, da sociedade em geral e do poder público assegurar “[...] a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”, ou seja, todas as crianças e os adolescentes devem ter esses direitos assegurados. Quando há violação desses direitos, a criança e o adolescente ficam sob a responsabilidade do Estado, passando a morar em instituições de acolhimento. Ao se identificar desse modo, automaticamente esse jovem identifica os seus pais, fato que nos possibilita questionar – “o quão ético esses pais foram em relação aos seus filhos?”.

Apesar dessas questões terem marcado a vida desse jovem, notamos que ele mostrou ser uma pessoa altamente resistente aos danos causados pelas carências materiais e afetivas, fato que lhe possibilitou se identificar como um pai que se dedica a sua família. Essa identificação se realiza como qualidade atribuída ao participante, materializada linguisticamente por meio de uma oração relacional atributiva, na qual temos o processo relacional “sou” seguido da expressão “pai totalmente cem por cento família”, o que denota uma avaliação de afeto de satisfação, tendo em vista que está associada aos objetivos realizados (WHITE, 2004), conforme podemos visualizar na sequência discursiva 30, a seguir:

**Sequência discursiva 30:** uma que eu passei muito longe da minha família eu acho que família não tem preço né?! você passar longe da sua família. hoje eu sou um **pai totalmente cem por cento família** (INFORMANTE 3, grifos nossos).

Compreendemos que o processo de construção identitária não é fixo e estático, pelo contrário, está em constante transformação em conformidade com as relações que estabelecemos com o outro, no âmbito cultural, social e histórico (HALL, 2006). Dessa forma, um indivíduo pode assumir diferentes identidades em momentos distintos, sendo moldadas de acordo com os vários papéis sociais que assumimos ao longo da vida. É por essa razão que o informante 3, por exemplo, constrói identidades diferentes para si. Assim, notamos que em um primeiro momento, ele materializa em suas narrativas uma identidade que está associada à situação de vulnerabilidade social que experienciou na infância. Por outro lado, em um segundo momento, ele se identifica como um pai que valoriza a família que construiu após sua saída da instituição de acolhimento, proporcionando aos seus filhos aquilo que ele, por muito tempo, foi privado de ter - o direito de pertencer a uma família.

Em relação à Informante 4, notamos que ela se identifica em vários momentos a partir de Afeto de infelicidade, que se realiza como processo, materializados pelo emprego de

processos mentais afetivos “sente, sinto, choro, chorar e apertar<sup>12</sup>” e também como comentário, a partir do uso do adjunto modal “chorando”, conforme podemos notar na sequência discursiva 31:

**Sequência discursiva 31:** teve uma vez que eu fui lá e minha mãe não tinha ido e **aperta** sabe?! porque a gente **sente** que a gente **sente falta**... porque não é fácil e por isso que eu **sinto muita falta** deles... porque **eu sinto no papel da minha mãe**... entendeu? a gente tenta falar pra ela não faltar mais parece que ela tem uma pedra no coração... é bem difícil quando a gente vai no abrigo a gente tem que se esforçar bastante pra não **chorar** pra eles não verem... quando eu vou com a minha mãe eu tento não **chorar**... eu me seguro porque eu sou... eu não **choro** assim desse jeito... eu me seguro bastante porque se eles me verem **chorando** eles **choram** também... eles vão querer saber o motivo e não vai ter como eu explicar pra eles... por isso que é difícil (INFORMANTE 4, grifos nossos).

Desse modo, observamos que as identificações construídas pela Informante 5 estão relacionadas a sentimentos ligados aos assuntos do coração, que denotam uma profunda tristeza. Essa jovem, ao completar a maioridade, teve que sair da instituição de acolhimento, lugar onde vivia com os seus outros irmãos. Ao sair da instituição, houve um rompimento de vínculos afetivos, que pode ser caracterizado como um processo doloroso e traumático para ela. Isso se dá em virtude de ela assumir, ainda que afetivamente, o papel de mãe de seus irmãos, conforme podemos notar na sequência discursiva 31. Entendemos que, quando ela se identifica no papel da figura materna, há uma tentativa de suprir as carências relativas à ausência da mãe na vida de seus irmãos. Segundo Rossetti-Ferreira et al (2012, p. 397), todo indivíduo precisa da referência do outro, ao qual se vincula afetivamente, para se desenvolver e se constituir enquanto sujeito. Ainda segundo a autora, “[...] é esse outro que o insere em contextos ou posições sociais, agindo como seu mediador para o mundo e do mundo para ele(a). Em nossa sociedade, esse outro, no início da vida, é usualmente a mãe e/ou pai, embora outras pessoas familiares possam assumir ou compartilhar esse lugar”. Assim, conseguimos compreender a identidade assumida pela Informante 4, que ao se identificar como alguém que exerce esse papel de mãe, ela tenta não somente inserir seus irmãos em posições sociais, mas também ser uma referência em termos afetivos, contribuindo para o processo de interação deles no mundo.

A ausência dessa referência, sobretudo no contexto do acolhimento, pode contribuir para o desenvolvimento de sentimentos como solidão, tristeza, desespero, dentre outros, acarretando a perda de significados da própria vida (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2006).

---

<sup>12</sup> Esse processo não é caracterizado, a princípio, como mental afetivo, mas nós o categorizamos assim devido ao sentido que ele constrói no texto.

Acreditamos que essas questões podem incidir no processo de construção identitária de jovens que foram acolhidos por um longo período.

Isso pode ser mais bem compreendido quando nos deparamos com o modo como o Informante 5 se identifica em sua narrativa. Notamos que a sua identificação está relacionada aos sentimentos do coração, sendo materializada linguisticamente por Afeto de infelicidade, sendo realizados como qualidade atribuída ao participante, a partir de orações relacionais atributivas, conforme podemos verificar em: “eu ficava (processo relacional) naquela angústia (atributo)”; “eu comecei a ter (processo relacional) depressão (atributo)”; “foi (processo relacional) uma depressão muito forte (expressão)”; “eu ficava (processo relacional) isolado (atributo); eu tava (processo relacional) sem o pai e sem a mãe (expressão).

A forma como o Informante 5 se identifica está associada ao rompimento de laços afetivos com a sua mãe, ainda na infância. Ao perder a sua principal referência, isto é, a sua mãe, esse jovem passou a se sentir fragilizado emocionalmente, o que resultou em uma depressão, conforme podemos ver na sequência discursiva 32, a seguir:

**Sequência discursiva 32:** a minha mãe... ela me colocou no abrigo... é... assim foi bem triste a cena né... porque a cena não sai da sua cabeça. a sua mãe te levar pra um lugar né... e ela nunca mais aparecer... desde quando eu entrei... porque eu entrei com oito... até uns quatorze... quinze anos ela só ia me ver tipo uma vez por ano... eu era **pequeno** e ela sempre falava que ai me ver... aí eu ficava **naquela angústia** né... porque tipo sábado era dia de visita... aí ia a mãe de tudo mundo só não ia a minha... nessa idade com oito... nove anos eu comecei a ter **depressão**... só que tipo foi **uma depressão muito forte**... nem convivi direito com as pessoas... eu ficava **isolado** num canto e não queria mais saber de ninguém... não conseguia falar direito com as pessoas... porque... pelo menos eu penso... que a parte que você mais precisa dos seus pais é né na infância e tipo eu tava **sem o pai e sem a mãe** (INFORMANTE 5, grifos nossos).

Ao analisarmos essa sequência, é possível perceber os efeitos da perda de vínculo afetivo com a família biológica, tendo em vista que, após ir morar em uma instituição de acolhimento, o Informante 5 passou a desenvolver sentimentos de solidão, o que resultou no seu afastamento em relação às pessoas de seu convívio social. De acordo com Álvares e Lobato (2013), menores institucionalizados tendem a sofrer mais de transtornos depressivos em comparação com menores que vivem com suas famílias biológicas. Além do rompimento de vínculos afetivos, o processo de institucionalização é visto como uma medida protetiva e provisória na vida de crianças e de adolescentes que passaram por eventos traumáticos, tais como: abandono, abusos, maus-tratos e negligência. Esses eventos, segundo Álvares e Lobato (2013, p. 157), podem ser vistos como, “[...] as causas principais de um elevado índice de

depressão em crianças e adolescentes observadas em situação de acolhimento institucional em alguns estudos” (ÁLVARES; LOBATO, 2013, p. 157).

Nessa esteira, percebemos as instituições de acolhimento têm um caráter provisório, sendo uma maneira de assegurar os direitos das crianças e dos adolescentes, mas que, por vezes, acaba se transformando em danos penosos no que se refere ao processo de formação humana dos menores assistidos. Isso se dá pelo fato de que o processo de institucionalização não favorece a construção de relações afetivas do mesmo modo que um ambiente familiar. Entendemos que a falta de convivência familiar pode interferir de forma direta na maneira como esses jovens se relacionam com o outro e se posicionam no mundo.

Por fim, percebemos que todas as situações experienciadas por esses jovens corroboram com as diferentes identidades que eles construíram de si em suas narrativas de vida. Ao analisarmos as escolhas lexicogramaticais realizadas por esses jovens, notamos que eles se identificaram na produção audiovisual como: alguém invisível; abandonado; maltratado; angustiado; triste; perdido; revoltado; responsável; sozinho; sobrevivente; isolado; distante; sem amigos; sem casa; sem porto seguro; sem pai e sem mãe; pai dedicado; alguém que já passou fome, passou frio, passou dificuldade, que sente falta de familiares, que já esteve em situação de risco, dentre outros.

Essas identificações que eles construíram de si convergem, em parte, com a forma como eles foram identificados por diferentes atores sociais, que atuam no sistema de apoio e de proteção à infância e à adolescência no Brasil, a saber: alguém que foi destituído da família; órfão; abusado; maltratado; exposto a risco; vulnerável; sozinho; desamparado; marcado pelo abandono; resistente; com grande capacidade de superação e com uma ferida que não vai embora, dentre outros.

### **Reflexões sobre a análise**

A partir da análise realizada, entendemos que a história de vida pregressa de cada um desses jovens exerce uma grande influência na forma como se identificam em suas narrativas, tendo em vista a quantidade de avaliações de Afeto de infelicidade e de insegurança materializadas linguisticamente por eles. Essas identificações estão pautadas em sentimentos como tristeza, ansiedade, medo, dentre outros, que se estabeleceram em função das condições limitadas de convivência afetiva no âmbito familiar, bem como a falta e/ou ausência da figura materna/paterna em termos de referência para o seu desenvolvimento social e emocional.

Além disso, percebemos também que eles se identificaram discursivamente a partir de Julgamentos de sanção e de estima social. Sob o nosso ponto de vista, ao se identificarem por meio de avaliações acerca do comportamento humano, eles, provavelmente, estavam se referindo às diversas situações que resultaram na violação de seus direitos e que, por sua vez, ocasionaram o processo de acolhimento institucional, visto como medida protetiva no âmbito legal.

Assim, notamos que a construção dessas identidades é moldada sempre na perspectiva do outro, trazendo consigo uma narrativa marcada por quem não teve o direito de se desenvolver em uma família. Encontramos nessas narrativas o lado da não adoção, isto é, de jovens que viveram por anos em instituições de acolhimento, enquanto aguardavam uma recolocação em família substituta, fato que nunca ocorreu. Experiências como essa marcaram não somente as suas trajetórias de vida, mas também o modo como se relacionam com o outro e se posicionam no mundo.

Isso nos remete a Fairclough (2003), quando ele afirma que as identidades que assumimos são resultantes de práticas discursivas, que se instituem por meio da interação com o outro no mundo social. É na presença do outro que nos identificamos, mas devemos sempre ter em mente que a construção da identidade, sobretudo no contexto da pós-modernidade, é um processo inacabado, incompleto, estando em constante transformação (HALL, 2006).

Em virtude de essas identidades serem resultados de um processo de produção simbólica que se dá no e pelo discurso (SILVA, 2000), passamos a entender que “[...] as identidades não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre os indivíduos, agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados” (MOITA LOPES, 2002, p. 37). Desse modo, esperamos que esses jovens, a partir do estabelecimento de novos vínculos afetivos, consigam ressignificar suas histórias e suas memórias a ponto de construírem identificações afetivas baseadas em sentimentos de amor, felicidade, satisfação e segurança.

## Referências

ALMEIDA, Fabíola Sartin Dutra Parreira. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR, Orlando; SOUZA, Anderson Alves; ALMEIDA, Fabíola Sartin Dutra Parreira. *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base o sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 99-112.

ÁLVARES, Amanda de Melo; LOBATO, Gledson Régis. Um estudo exploratório da incidência de sintomas depressivos em crianças e adolescentes em acolhimento institucional. *Temas em Psicologia*, vol. 21, n. 1, p. 151-164, 2013.

BERNARDI, Dayse Cesar Franco; PONIWAS, Mariana de Pol. Novas leis e velhos conceitos: o conceito de “menores” – um preconceito instituído e mantido para crianças e jovens pobres. In: CARVALHO, Maria Cristina Neiva de. *Psicologia e justiça: infância, adolescência e família*. Curitiba: Juruá, 2012. p. 17-38.

BRASIL. *Código Penal*: Decreto Lei Federal nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm)>. Acesso em: 20 de jun. de 2019.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. *Conselho Nacional de Justiça (CNJ)*. Diagnóstico sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento/ Conselho Nacional de Justiça – Brasília: CNJ, 2020.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

EU QUERO IR PRA CASA. Direção e roteiro: Yuri Engel. São Paulo: Paradigma Produções, 2017. Documentário (34min), son., color.

ESPINDOLA, Sandro Pitthan; VIANA, Marcos Besserman; OLIVEIRA, Maria Helena Barros de. Crianças e adolescentes acolhidos no estado do Rio de Janeiro: a adoção é a solução? *Saúde e Debate*, Rio de Janeiro, v. 43, n. Especial 4, p. 34-47, dez., 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

FERREIRA, Frederico Poley Martins. Crianças e adolescentes em abrigos: uma regionalização para Minas Gerais. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 117, p. 142-168, jan./mar. 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2. ed. 1985.

LISBOA, Roberto Senise. *Manual de Direito Civil: direito de família e sucessões*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

MARTIN, James Robert; ROSE, David. *Working with Discourse: meaning beyond the clause*. New York: Continuum, 2003.

MARTIN, James Robert; WHITE, Peter. *The language of evaluation: appraisal in English*. London, Palgrave, 2005.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas*. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MONTEIRO, Washington de Barros; SILVA, Regina Beatriz Tavares da. *Curso de Direito Civil*. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

PAPA, Solange Maria de Barros Barra. Realismo crítico e análise de discurso crítica: reflexões interdisciplinares para a formação do educador de línguas em processo de emancipação e transformação social. *Polifonia*, EDUFMAT, v. 15, n. 17, p. 141-154, 2009.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; ALMEIDA, Ivy Gonçalves de; COSTA, Nina Rosa do Amaral; GUIMARÃES, Lilian de Almeida; MARIANO, Fernanda Neísa; TEIXEIRA, Sueli Cristina de Pauli; SERRANO, Solange Aparecida. Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Situações de Abandono, Violência e Rupturas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, n. 25, v. 2, p. 390-399, 2012.

SCHULZE, Mariana Datria; ALVES, Aline Cristine de Moura. No limite do psíquico e do legal: a transgeracionalidade em processos de destituição do poder familiar. *Opinião Jurídica*, v. 18, n. 36. p. 209-231, Jan./Jun., 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.

SILVA, Jaqueline Araújo da. *Adoção de crianças maiores: percepções e vivências dos adotados*. Belo Horizonte, 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

SIQUEIRA, Aline Cardoso; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*; v. 18, n. 1, p. 71-80, jan/abr., 2006.

SOARES, Layane Campos; OTTONI, Maria Aparecida Resende. A identificação de crianças e adolescentes em depoimentos sobre adoção: uma abordagem discursiva crítica. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 41, p. 275- 292, set./dez, 2021.

WHITE, Peter. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 178-205, 2004.

Recebido em 28 de março de 2022  
Aceito em 04 de outubro de 2022